

**...!**

**?**

**Comunicação**

É importante saber o nome das coisas. Ou, pelo menos, saber comunicar o que você quer. Imagine-se entrando numa loja para comprar um… um… como é mesmo o nome?

— Posso ajudá-lo, cavalheiro?

— Pode. Eu quero um daqueles, daqueles…

— Pois não?

— Um… como é mesmo o nome?

— Sim?

— Pomba! Um… um… Que cabeça a minha. A palavra me escapou por completo. É uma

coisa simples, conhecidíssima.

— Sim senhor.

— O senhor vai dar risada quando souber.

— Sim senhor.

— Olha, é pontuda, certo?— O quê, cavalheiro?

— Isso que eu quero. Tem uma ponta assim, entende? Depois vem assim, assim, faz uma volta, aí vem reto de novo, e na outra ponta tem uma espécie de encaixe, entende? Na ponta tem outra volta, só que está e mais fechada. E tem um, um… Uma espécie de, como é que se diz? De sulco. Um sulco onde encaixa a outra ponta, a pontuda, de sorte que o, a, o negócio, entende, fica fechado. É isso. Uma coisa pontuda que fecha. Entende?

— Infelizmente, cavalheiro…

— Ora, você sabe do que eu estou falando.

— Estou me esforçando, mas…

— Escuta. Acho que não podia ser mais claro. Pontudo numa ponta, certo?

— Se o senhor diz, cavalheiro.

— Como, se eu digo? Isso já é má vontade. Eu sei que é pontudo numa ponta. Posso não saber o nome da coisa, isso é um detalhe. Mas sei exatamente o que eu quero.

— Sim senhor. Pontudo numa ponta.

— Isso. Eu sabia que você compreenderia. Tem?

— Bom, eu preciso saber mais sobre o, a, essa coisa. Tente descrevê-la outra vez. Quem sabe o senhor desenha para nós?

— Não. Eu não sei desenhar nem casinha com fumaça saindo da chaminé. Sou uma negação em desenho.

— Sinto muito.

— Não precisa sentir. Sou técnico em contabilidade, estou muito bem de vida. Não sou um débil mental. Não sei desenhar, só isso. E hoje, por acaso, me esqueci do nome desse raio. Mas fora isso, tudo bem. O desenho não me faz falta. Lido com números. Tenho algum problema com os números mais complicados, claro. O oito, por exemplo. Tenho que fazer um rascunho antes. Mas não sou um débil mental, como você está pensando.

— Eu não estou pensando nada, cavalheiro.

— Chame o gerente.

— Não será preciso, cavalheiro. Tenho certeza de que chegaremos a um acordo. Essa coisa que o senhor quer, é feito do quê?

— É de, sei lá. De metal.

— Muito bem. De metal. Ela se move?

— Bem… É mais ou menos assim. Presta atenção nas minhas mãos. É assim, assim, dobra aqui e encaixa na ponta, assim.

— Tem mais de uma peça? Já vem montado?

— É inteiriço. Tenho quase certeza de que é inteiriço.

— Francamente…

— Mas é simples! Uma coisa simples. Olha: assim, assim, uma volta aqui, vem vindo, vem vindo, outra volta e clique, encaixa.

— Ah, tem clique. É elétrico.

— Não! Clique, que eu digo, é o barulho de encaixar.

— Já sei!

— Ótimo!

— O senhor quer uma antena externa de televisão.

— Não! Escuta aqui. Vamos tentar de novo…

— Tentemos por outro lado. Para o que serve?

— Serve assim para prender. Entende? Uma coisa pontuda que prende. Você enfia a ponta pontuda por aqui, encaixa a ponta no sulco e prende as duas partes de uma coisa.

— Certo. Esse instrumento que o senhor procura funciona mais ou menos como um gigantesco alfinete de segurança e…

— Mas é isso! É isso! Um alfinete de segurança!

— Mas do jeito que o senhor descrevia parecia uma coisa enorme, cavalheiro!
— É que eu sou meio expansivo. Me vê aí um… um… Como é mesmo o nome?

Fonte: VERISSIMO, Luis Fernando. “Comunicação”. In: *Para gostar de ler*, v.7. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1982, p. 35-37.